

O ROMANCE BRASILEIRO DO PERÍODO NATURALISTA E A DESCRIÇÃO DO COMPORTAMENTO INCONSCIENTE HUMANO

Sérgio Rodrigues de Souza¹

¹Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS – Asunción – Paraguai
(srgrodriguesdesouza@gmail.com)

Resumo: Este artigo aborda a questão do romance brasileiro do período naturalista e seu vínculo expressivo do pensamento existencialista alemão, conduzindo a uma descrição do comportamento inconsciente humano. É um estudo de intensa profundidade semântica, onde se explora a forma como os escritores brasileiros deste período tomaram a essência humana e o próprio ser humano como objeto de estudos e de criatividade para suas obras, apresentando seus mundos intrínsecos desprovidos de suas máscaras.

Palavras-chave: Naturalismo brasileiro; Romances; Existencialismo; comportamento inconsciente.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira se encontra entre as melhores e mais profundas do mundo, podendo mesmo citar que, em quantidade de títulos disponíveis, se não supera a todas as outras dos países ocidentais, classifica-se entre os três primeiros. Isto revela o quanto os autores romancistas brasileiros mostraram-se prolíficos, especialmente aqueles do século XIX e início do século XX, impulsionados por temas como a escravidão, a repressão sexual, os costumes e tradições de povos que viviam conflitos de toda natureza, criaturas dotadas de uma psicologia complexa e multifacetada, originando um povo que herdava uma miríade *pathológica*, difícil de ser compreendida naquele exato momento; talvez tenha sido por este motivo que os poetas tiveram tanta liberdade para escreverem e descreverem os seus personagens e todos os seus sentimentos mais bizarros.

Um fato interessante sobre a literatura que se desenvolveu aqui no Brasil é a sua particularidade em relação à expressão psicológica dos personagens. Por mais que se queira vislumbrar a influência da característica singular dos autores russos e europeus sobre os autores e as obras brasileiras, o que se pode perceber é que os valores apresentados pelos personagens são diferentes, ainda que a atmosfera existencial sociológica possa indicar determinados traços de semelhança entre ambas.

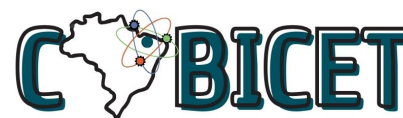
O desenrolar do enredo faz com que a cultura particular de cada povo e a formação do autor determine a dimensão da psicologia do objeto e daqueles que compõem o seu entorno, promovendo a construção de uma atmosfera *sui generis*, determinante da qualidade e do brilho que a obra assume à medida que se distancia de seu tempo original e de sua conjuntura espacial especular. Esta é

uma característica que somente se percebe nas obras literárias brasileiras, exatamente, por ser um país com uma cultura tão jovem e que escreveu e descreveu seu espaço filogenético com tamanha profundidade, porque estava sobre bases históricas que ansiavam por serem expostas, de alguma forma, sob algum artifício.

A formação da nação brasileira [*e não do Estado brasileiro*] ocorreu de uma forma um tanto estranha e difícil de ser compreendida quanto à sua [*quase completa*] ausência de conflitos visíveis, o que leva a uma interpretação da condição de rebeldia mecânica do brasileiro, em que encontrou uma forma de revelar seu modo contraditório de ser e de agir nos textos literários que produziram os autores do período naturalista, como uma forma de zombar da condição de harmonia aparente que se fez crer ser parte do estofo humano dos que aqui habitavam já desde tempos desconhecidos e também daqueles que para cá foram trazidos à força, de todos os cantos da Europa e África.

O conflito que marcou a existência do brasileiro é de caráter moral religioso, impulsionado pelos dogmas católicos e cristãos e pelo juízo de valor de uma sociedade que procurava parecer pura e casta aos olhos de criaturas cada qual delas mais insanas e decrépitas do que o direito consuetudinário pode permitir a uma nação. A descrição deste estado psíquico que se mantinha internalizado, envolto em uma condição de mistério foi consolidando a base elementar do romance brasileiro até que se tornou-se uma marca que não pode ser reproduzida, porque não fora construída pela imaginação criativa de um artista; surge a partir da observação comportamental de um povo inteiro.

Com isto, tem-se que a característica da literatura brasileira e, em especial do romance que advém de sua expansão é um processo que está intrínseco ao



povo brasileiro, produto de sua filogênese que permaneceu singular, mesmo após a mistura de raça, pensamento, crenças, ideias, negação da espiritualidade dos povos ancestrais e o que era para ser um cenário de guerra acabou por criar um híbrido que preferiu ressentir-se e buscar no silêncio a melhor forma de manifestar a sua raiva, a sua ira, o seu ódio e o seu desprezo pela religião e pela autoridade.

Os artistas naturalistas souberam captar estes sentimentos mantidos na obscuridade e transformá-los em histórias maravilhosas que, se analisadas sob a óptica da Psicanálise soa mais como uma forma silenciosa de catarse filogenética. O cenário selvagem do país contribuiu para que esta aura mística que somente se encontra aqui; porque, ao mesmo tempo em que se tem um ambiente carregado de florestas, tem-se uma intensidade luminosa que cria um contraste natural com a expectativa sombria de um homem amargurado pela escravidão, pela miséria, pela fome e pela incerteza da vida.

Os autores naturalistas foram precursores de muitas descobertas que viriam a ser expostas pelo médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939) a partir do momento em que começa a explorar o inconsciente humano e a criar mecanismos de interpretação comportamental a partir dos dados analíticos extraídos através da aplicação de sua técnica sobre os humanos. A grande diferença destes autores naturalistas brasileiros e suas descrições quanto ao pensamento, a personalidade e comportamento humano em relação às descrições dada por Freud em suas obras, também literárias, porém, de caráter científico é que os primeiros descreveram os sentimentos e as estruturas psicológicas de seus personagens na forma de um sarcasmo intenso; até mesmo porque nem sequer sabiam que estavam fazendo ciência.

O interessante é que foi esta descrição fina e sensível do espírito do homem brasileiro, mesmo em forma de sarcasmo, que fez da literatura brasileira do período naturalista, uma das maiores do mundo, podendo ser colocada ao lado da literatura russa e de nomes imortalizados como Fiódor Dostoiévsky (1821-1861) e Liev Tostói (1828-1910). O que desperta a atenção é que aqui não há como falar em um ou dois autores, está-se falando da literatura que se produziu em um determinado período histórico, ou seja, toda ela é composta pelo mesmo *pathos* sociológico.

Não há, neste período, um autor procurando criar a sua marca através da criatividade individual; o que se tem são autores a descrever o indivíduo, a zombar de uma pretensa sociedade que se queria fazer de rogada e elegante, casta, erudita, religiosa [*quase santa*] e isto tudo, este *quid-pro-quo*, foi a matéria-prima com que se construiu a grandeza cultural da literatura

brasileira do período naturalista. A forma estranha e paradoxal com que o povo brasileiro tratava a sua expressão metodológica de ser e de existir são condições existenciais muito singulares com possibilidades de interpretação de igual forma.

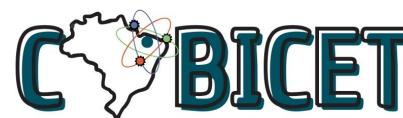
MATERIAL E MÉTODOS

Para conduzir este estudo, adotou-se uma abordagem metodológica bibliográfica, descritiva (Gil, 2020) como base, a partir de uma revisão sistemática sobre o tema. Os artigos selecionados foram submetidos a uma análise de conteúdo para examinar sua relevância e adequação aos objetivos do estudo. A exposição e interpretação dos resultados foram realizadas após essa análise. Como forma de ampliar e aprofundar investigação, determinada a atingir os objetivos propostos, adotou-se, como método, uma pesquisa integrativa, que tem como finalidade realizar um estudo analítico. Neste sentido, a investigação integrativa se apresenta como uma ampla abordagem metodológica, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão profunda e determinante dos assuntos analisados (Whittemore & Knafl, 2005).

Este artigo foi produzido a partir da leitura e interpretação de autores clássicos sobre o tema, buscando em artigos científicos e livros, resultados, teorias e práticas que se mostrassem condizentes com as expectativas de desenvolvimento do mesmo. Fundamentou-se, ainda, na práxis pedagógica do autor, que atuam na área, como professor, especialista e pesquisador, desenvolvendo projetos no referido campo de conhecimento.

Como instrumento metodológico foi utilizado a pesquisa bibliográfica, consultando livros e artigos que versam sobre o tema, a fim de tornar mais transparente e ampla a produção. Como métodos de interpretação dos textos consultados foi utilizado a análise bibliográfica sistemática. A metodologia deste estudo baseia-se em análises realizadas em livros e artigos, considerando os principais aspectos e abordagens sobre a temática abordada, aliada à práxis pedagógica do autor.

Este estudo se fundamenta no pensamento de Mikúlskiy (1985), para quem, “a via para o descobrimento dos mecanismos e regularidades do desenvolvimento da ciência, pelo qual entendemos, em primeiro lugar e de maneira principal, a criação de novo conhecimento, não consiste em limitar a investigação em princípio, exclusivamente ao campo do desenvolvimento lógico dos conceitos científicos, para a qual nos convida o internalismo, nem em reduzir a explicação da história da ciência exclusivamente às condições sociais e econômicas, o



que infrutuosamente tratam de fazer os externalistas. Este caminho radica na consciência e relação da unidade didática e a interação do conteúdo da ciência e as condições sociais e econômicas, culturais e históricas e os fatores pessoais com a influência determinante da prática histórico-social no desenvolvimento desta interação” (p. 14).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A LITERATURA BRASILEIRA

Descrever a literatura brasileira é uma tarefa muito complexa, porque sempre tratou-se de apresentá-la como uma literatura menor quando em comparação com as de outras nações, em especial, as nações de origem saxônica, em que, embora não se discuta a originalidade, a criatividade e a riqueza simbólica de tais produções literárias, a condição de comparação é o que faz com que se termine em um labirinto epistemológico, simplesmente dizendo que uma melhor que a outra e que a outra é inferior, sem proporcionar qualquer tipo de esclarecimento lógico-fenomenológico.

A imensa riqueza literária que se atribui à literatura brasileira está na sua condição descritiva dos objetos sobre os quais se debruça. Tornou-se lugar comum atribuir à produção literária a capacidade de criação de ambientes e sentimentos, coisa muito comum nas obras de origem russas e de línguas anglófonas e mesmo as obras em língua francesas. Isto não as torna melhores; apenas as diferenciam da condição de produção das obras brasileiras que exploram muito mais a característica de descrição intrínseca do *pathos* que consome o indivíduo de dentro para fora como a um câncer silencioso e sanguinolento.

Para se alcançar um nível de descrição e interpretação da realidade objetiva e do objeto bem como de sua psicologia tal empreendimento exige um esforço incomum, talvez despendendo consumo maior de energia do que se gastaria na produção imagética das situações apresentadas no texto literário. Tudo é uma questão de ambientação da peça a partir do que o autor usará de toda a sua licença poética a fim de dar forma aos seus pensamentos imaginários. Nisto, o que se tem é a riqueza filogenética psicológica [*e, em certa medida, mística*] do personagem brasileiro, o que fez com que as obras literárias brasileiras focassem [*quase que*] exclusivamente sobre o indivíduo.

A literatura brasileira, de forma geral, possui uma expressão clássica e muito forte em seus textos, apesar de que a língua portuguesa falada no Brasil se apresente de forma romântica, muito suave e isto faz com que pareça que se está tratando de modo muito sutil situações em que se deveria utilizar termos pesados e agressivos e, tudo se trata, com muito mais

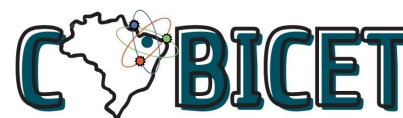
profundidade de conhecimentos semânticos e até mesmo de construção neste sentido, em que dada a cultura e os valores miscigenados sobre os quais se fundamentam o sentimento do povo brasileiro muitos vocábulos e expressões foram aportuguesados e, com isto, seu sentido semântico primitivo foi amansado, criando sentidos que somente fazem qualquer sentido no vernáculo português brasileiro.

Esta condição peculiar faz com que a leitura dos textos literários brasileiros seja, em certa medida, uma condição leve, muito romântica, mesmo quando o autor não tivesse expressado esta condição em sua obra. Isto não quer dizer que não tenha peso e que não seja marcada por uma intensidade brutal em sua construção semântico-conceitual; apenas que a sua análise deva ser realizada de forma cuidadosa, considerando a formação heurística do povo brasileiro e sua genealogia histórico-filogenética.

A literatura brasileira é única, com uma caracterização *sui generis* e a forma como se consolidou no espaço social, infelizmente, é um reflexo do que se preconizou como ideal no pensamento acadêmico, com todas as suas matrizes de origem europeia [*ocidental e oriental*], sempre cuidando de fazer análises comparativas, ao invés de proceder a análises qualitativas próprias e puras, tomando como alvo a psicologia do objeto. Esta forma de tratá-la, sempre a partir de interações em relação a outras literaturas a torna de caráter inferior, quando é uma peça que não está nem além nem aquém de qualquer das demais; é marcada por um personagem que possui um *pathos* muito distinto, por causa das heranças distintas e memórias de igual natureza.

Em muitos países, onde se tem a tradição de estudos literários, como campo científico, a literatura brasileira nem sequer é abordada de forma integral, recebendo um grau de análise compatível com sua grandeza lírica, profundidade semântico-conceitual e psicologia aplicada na descrição do homem brasileiro em busca de uma identidade, em conflito com suas crenças filogenéticas e aquelas que lhe foram impostas à força, porque não se tem materiais disponíveis abordando-a de forma científica, descrevendo-a a partir de si mesma e de seus atributos singulares.

Esta ausência de estudos em profundidade abordando a literatura brasileira, por si só, sem qualquer tipo de comparação, a começar que o simples fato de se proceder a comparações com outras construções semântico-conceituais já descaracteriza a ambos os objetos, não havendo mecanismos de construção de inter-relação simbólica no interior do próprio objeto em si, porque o máximo que se consegue através de comparações ridículas é a expressão superficial daquilo que o leitor medíocre consegue ver sem ter



que dedicar-se a esforços intensos de análise e interpretação.

Assim que, a compreensão da literatura brasileira em sua essência semântico-estrutural perpassa pela necessidade de realização de estudos amplos, profundos e extensos, envolvendo uma gama de ciências que contribuam para a compreensão mais ampla da formação da estrutura personológica do homem brasileiro, [*destacando a Antropologia*], estudando, a fundo, as culturas que subsidiaram a esta construção *sui generis* do que veio a ser a cultura brasileira, fundamentada nas bases milenares de três povos distintos em todos os sentidos simbólicos e que possuem seus respectivos significados originais sobrevivendo em harmonia semântica com aqueles que foram elaborados, criados e inovados à medida que se formava uma identidade nacional.

Diferente do que se preconiza pensar, a literatura brasileira foi formada paralelamente a esta construção da personalidade do homem brasileiro que, havia o interesse em auferir-lhe uma identidade, um espelho no qual pudesse ver-se refletido e, interessante notar que ela foi quem se transformou em tal objeto. As obras literárias clássicas brasileiras, em especial, as do período naturalista, tornaram-se um campo fértil para estudos antropológicos, psicológicos e linguísticos, com uma riqueza natural *sui generis* de detalhes que, dificilmente seja possível de encontrar em outra fonte de pesquisa.

O ROMANCE BRASILEIRO

A partir da compreensão da singularidade da literatura brasileira, tem-se que ela produziu a oportunidade de produção de romances que, por sua vez, tornaram-se clássicos pela sua sutileza com que aborda os temas relacionados ao amor e a vida, também de uma forma única, compreensível somente quando se procede a uma análise dos mesmos pelos mesmos, entendendo a sua composição heurística e todo o conflito sobre e a partir do qual o autor aplica a sua licença poética em direção à construção de um enredo encantador.

Novamente, se tem que o romance brasileiro é construído sobre as bases de um indivíduo complexo; não que esteja em conflito consigo mesmo; antes que encontra-se em busca de um sentido e de uma identidade, alguém tentando descobrir ou entender quem, de fato, ele é. Isto se deve a uma construção modestamente jovem da nação brasileira, condição esta fundamentada sobre heranças perdidas, protagonizadas por separações forçadas sem que houvesse uma tomada de decisão por parte do indivíduo para que este rompimento com a terra-mãe, a pátria, acontecesse.

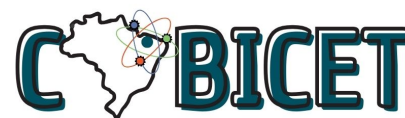
A nação brasileira é formada por três povos distintos e que, diretamente, não possuem qualquer vínculo semântico-cultural entre si e o resultado foi um povo que soube transformar tudo o que recebeu de herança cultural filogenética em tradição, história e desenvolvimento intelectual. Mas, o vazio deixado pela separação à fórceps de suas raízes antropológicas não pode ser compensado e é, exatamente, este sentimento a tônica dos romances brasileiros, um indivíduo que olha para dentro de si em busca de uma resposta e que mergulha quanto mais profundamente tenha oportunidade para fazê-lo, mesmo sem saber se o que encontrará poderá ser capaz de esclarecer a sua eterna dúvida.

Diferentemente do que se aprendeu a esperar de um romance, em que o personagem central e os secundários estão em busca de um lugar no espaço, porque foram rechaçados desde o ventre e a história se repete de forma canônica, o indivíduo que é representado no romance brasileiro está em busca de auto conhecimento sobre si mesmo, tentando responder ao questionamento mais antigo e intrínseco humano sobre o qual a Filosofia foi erguida: ‘o que sou eu?’ E quando encontra a resposta para isto, supondo que acreditar que é um ser humano, está posto diante de outro dilema mais complexo e mais profundo: ‘o que é ser humano?’

Por muito tempo, esta condição de incerteza sobre si mesmo foi sendo objeto de exploração *in extremis*, em que até mesmo o personagem indígena, depois de travar contato com o seu diferente via-se ele imerso em um abismo de incertezas, porque nunca tivera que questionar quem ele era e agora diante de um espelho que refletia uma imagem estranha seu pensamento o traía e criava elucubrações para as quais não fora preparado, porque desnecessárias desde o ponto de vista existencial; até aquele momento.

A formação antropológica do homem africano favoreceu a condição de escravidão adotada no Brasil, chegando ao que Arthur Ramos classificou como *democracia racial* e, mais uma vez, esta situação sobre como o antes cidadão africano e agora escravo colonial se comportava contribuiu para a determinação do perfil que se adotaria nos romances, a de um indivíduo oriundo de uma nação poderosa; mas, que fora dominada por um povo mais bélico que eles, o que é, *per se*, uma coisa estranha de se aceitar de bom grado e sem entrar em conflitos de análise.

O europeu, mesmo sendo um glutão e uma coisa ridícula, sem qualquer nexo causal com a realidade objetiva, analfabeto, supersticioso, a sua cultura milenar já havia provocado o surgimento de sistemas perversos e que a sua simples existência fazia dele alguém que precisava pensar as situações e as condições de vida, ainda que estivesse, da mesma que os africanos, escravizados por um sistema mais



cruel e sanguinário, em que tudo de mal que lhe acontecia era determinado pela vontade de um deus amoroso, a quem tinham a ousadia de chamar de *pai*.

O indígena, que era alguém que vivia na selva e pela natureza, sendo regido e alimentado por ela, não tinha muito que perscrutar sobre a existência; mas, a partir do instante em que é colocado em um sistema paradoxal o poeta viu a chance de apresentá-lo como alguém que, igual aos seus irmãos, também se perdia em elucubrações filosóficas acerca da vida de antes da chegada da peste e agora, tendo que conviver com um mal que o transformava, que o categorizava de acordo com uma sistemática incompreensível para si. Nas mãos de poetas criativos, até os índios passaram a sofrer de angústia, neurose, melancolia e crise existencial.

Como nenhum cientista foi até lá entrevistar nenhum dos supostos seres humanos que compunham a sociedade branca brasileira daquele momento histórico e, muito menos perguntar aos indivíduos escravizados de origem africana e seus descendentes e, em grau menos acentuado questionar o sentido do ego dos silvícolas, tudo o que os escritores imaginaram e impuseram-lhes como sentimentos foi tomado como verdade, em um sentido de factualidade resguardada pela ignorância generalizada. Desta forma, ganha realce dinâmico uma forma de romance em que se caracteriza muito mais por ser descritivo; não que faltasse a este tipo de produção literária quaisquer vieses de criatividade; os escritores naturalistas exploraram um campo que somente muitos anos depois seria objeto de investigação, momento em que os autores europeus adotariam a escrita descritiva como forma de expressão literária, isto porque influenciados pelas descobertas de S. Freud e sua técnica terapêutica, a Psicanálise.

Interessante notar que, mesmo depois de mais de um século de criação da Psicanálise e sua completa sistematização, o romance brasileiro faz muito pouco uso de sua influência sobre a psique humana, expressando, muito mais o brilho primitivo que foi-lhe dado pelos escritores do período naturalista e que foi recebendo polimento ao longo de sua trajetória sem, no entanto, perder a sua essência original que a caracterizou como um expoente do existencialismo.

Esta é uma análise do romance brasileiro e sua principal característica, a de ser uma produção que apresenta um texto descritivo do objeto humano em meio à trama que vai sendo desenvolvida não de acordo com as situações históricas e sociológicas e sim em sintonia com a caracterização psicológica intrínseca do personagem, este sempre em conflito consigo mesmo porque vive em busca de uma identidade para si. A sua definição semântico-

conceitual se fundamenta na filosofia existencialista alemã.

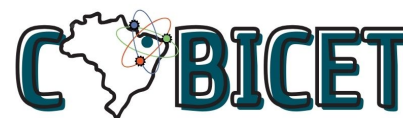
O PERÍODO NATURALISTA DA LITERATURA BRASILEIRA

Embora se faça uso de recortes temporais com a finalidade de definir os períodos categóricos da literatura brasileira, o que não se perde de vista é que os autores brasileiros sempre foram influenciados pelo caráter naturalista e esta especificidade, como já abordado acima, é uma condição muito peculiar do Brasil, devido ao processo de colonização e pelas condições sociológicas e educacionais, em que o analfabetismo beirava a maioria absoluta e, sem muitas [ou sem quaisquer] condições de submeter os indivíduos a uma análise mais ampla e profunda no que concernisse aos impactos da estrutura sociológica, viu-se que podia decodificar o indivíduo, descrevendo suas atitudes *in naturis*, fórmula ainda utilizada em quase todos os romances brasileiros.

O que se nota em grandes obras clássicas do mesmo período é um tipo de transferência dos conflitos do autor para os personagens que criam e, mais tarde, foi possível realizar a interpretação do pensamento do autor, sem muitas condições de interpretar o indivíduo social e sua psicologia. Já com o romance brasileiro, em especial do período naturalista [e, diga-se, com cuidado analítico, mesmo o romance contemporâneo] o autor desaparece em meio à história, como se ele fosse meramente alguém que descreve, de modo completamente imparcial, a situação observada; de forma que o romance brasileiro é mais caracteristicamente sociológico que psicológico, mais descritivo que introspectivo.

No Brasil, cita-se como período naturalista o que é iniciado já após o quarto final do século XIX, mais especificamente, em 1881, com a publicação da obra *O Mulato*, de Aluísio Azevedo (1857-1913) e na esteira deste vieram outros tantos, tratando o ser humano em sua forma mais nua e crua. Nestes textos, o homem comum era desvelado em sua natureza íntima e o espanto com que todos olharam para estes personagens era tamanho e dotado de horror [aqui, entenda-se o termo, no sentido de aversão] porque eles representavam o espelho que projetava seus estados humanos personificados da forma mais transparentes, puros, imaculados, desprovidos de quaisquer máscaras, da mesma forma que o fazia o retrato de Dorian Gray, obra de Oscar Wilde (1854-1900).

Por mais que o século XIX represente um novo jarro de Pandora, que explodiu de forma atônita e que foi capaz de provocar transformações em todos os campos, crer que foram as transformações porque passou a Europa [tanto ocidental quanto oriental]



neste período, a grande responsável pela criação deste tipo de literatura é agir com inocência extrema diante do ocasional, atribuindo tudo a uma situação de transformações que se sucedem aleatoriamente à vontade deliberada humana.

Um acontecimento que mais sugere sua influência sobre o surgimento do naturalismo como corrente de exposição literária é a criação do *Positivismo* pelo sacerdote francês August Comte (1798-1857), exatamente porque esta corrente religiosa retirava do ser humano quaisquer condições de sacralidade e o lançava na vala comum da condição abjeta, retirando-lhe a ideia de que fora criado à imagem e semelhança de Deus. De aí por diante, ao se descrever o ser humano estava-se a tratar de uma coisa, uma criatura reificada que, por acaso, pensava; isto, quando lhe convinha que assim fosse; fora destes instantes de lucidez, agia como uma besta selvagem, entregue aos mais baixos instintos humanos de sobrevivência.

Os grandes movimentos europeus que costuma ser citados como influenciadores do naturalismo, como vertente literária, a destacar, darwinismo, determinismo, o marxismo, o pensamento nietzschiano até que podem ser tratados como fundamentos plausíveis, a olhar a uma distância de quase um século e meio; mas, no momento em que ocorrem, o que aparenta é que o próprio *Naturalismo* é mais uma das inúmeras correntes de pensamento a que deu a luz o complexo e misterioso Século XIX. Poder-se-ia afirmar, com muita segurança que o pensamento de Benedito de Spinoza (1632-1677) tenha maior influência sobre a expressão naturalista da literatura brasileira que os movimentos ideológicos que lhes foram contemporâneos.

O problema de todos os movimentos que se pode citar como sendo criações ideológicas do século XIX, salvo o *Positivismo* e o próprio *Naturalismo*, é que são produtos canônicos do catolicismo e a forma como procuram proteger a essência do ser humano, como alguém sacro e íntegro, senhor de seu mundo chega a ser patético. Em contraste, as duas correntes citadas, uma que seria a maior revolução religiosa e que destruiria o ego humano, permitindo que as ciências o estudassem de dentro para fora e vice-versa, transformando-o em um mero objeto, uma *res cogitans*, abriria espaço para que a literatura, alicerçada sobre a licença poética, o revirasse do avesso assim se tornando uma modalidade sobre a qual a Psicanálise debruçaria em busca de elementos psíquicos que subsidiassem as ideias defendidas por S. Freud e seus companheiros.

O período naturalista brasileiro, oficialmente determinado, é o momento mais elegante da literatura brasileira e o mais profundo, antecipando tudo o que se veria a seguir nas obras de autores internacionais,

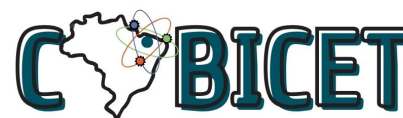
agora motivados pelas descobertas e publicações advindas do pensamento psicanalítico freudiano. Por seu pioneirismo na literatura universal, criou espaços para que autores da Filosofia, como Arthur Schopenhauer (1788-1860) fossem lidos e estudados como fundamento do pensamento que permitiria aos autores romancistas brasileiros a construir os seus personagens [*tomando o devido cuidado aqui, para não dizer que os descreveram*] expondo uma existência miserável e viciada aos olhos puritanos e hipócritas da elite brasileira.

Apesar de os estudiosos da literatura brasileira atribuírem um período, relativamente, curto para sua dominância, de 1881 a 1902, o fato que se apresenta é muito mais que desejam que ele, nem ao menos, houvesse existido; porque realça uma forma de expressão da vida urbana no Brasil pré-república e pós-república, como se a mudança de regime governamental, *per se*, fosse capaz de mudar os hábitos frenéticos da população, tornando-a casta e dotada de uma elegância que se via expressa, de fato, apenas nos retratos pintados nas paredes das casas-grandes.

O desvelamento espiritual humano, apresentando seu condicionamento mais primitivo não pode ser algo que tenha agradado a patrulha da moral inquisitória e, não fossem os romances escritos para quase ninguém ler, porque ou o indivíduo era analfabeto ou não tinha poder aquisitivo para comprar livros. Os textos são, declaradamente, antirromânticos, porque para os autores naturalistas o amor era uma sublimação idealizada de algo que não coadunava com uma existência miserável, marcada pela mais completa ausência de uma perspectiva de vida e uma visão de futuro.

Todo aquele romantismo exacerbado elaborado pela Igreja Católica acerca do homem e que atravessou a literatura de modo a torná-la uma negação explícita da vida real foi lançado na sarjeta pela pena dos autores naturalistas brasileiros, que se provaram singulares em seus trabalhos, autênticos nas descrições. De repente, a religião do sacerdote Augusto lança por terra a ideia de que o homem era um santo e que seu corpo não poderia ser violado após a morte, porque a sua alma poderia escapar e, *voilà*, ao se abrir os cadáveres não encontraram esta suposta fantasia *poltergeistiana*, o que levou a induzir que até mesmo o homem branco, puro europeu era desprovido de alma; logo, era dominado por puro instinto animal, ou melhor, pelos desejos proibidos da carne.

Neste período, a alma humana que era aquela instância essencial que guiava o comportamento humano é relegada a uma não existência e a *carne*, aquela mesma instância tão repreendida por séculos a fio pela Santa Igreja Católica e pelos santos glutões



hipócritas, torna-se a senhora absoluta da vida e do pensamento do homem, apresentando-lhe os seus desejos mais selvagens e exigindo que fossem satisfeitos a contento. Aí cabe o pensamento de Baruch de Spinoza, de que a noção de livre arbítrio do homem é originária e sustentada pela sua ignorância sobre as forças secretas que o regem (2006).

Nenhum dos autores deste período literário foi capaz de inferir aos homens sentimentos lascivos e promíscuos; apenas descreveu-os com uma sutileza e um estado de humor como quem se deliciava com cada descoberta que representava uma inovação social na forma de ver o ser humano, despidido de seus trajes messiânicos e puritanescos. Crer que foram deterministas e dizer que todo homem é produto de seu meio e, com isto, aqueles nascidos em casas luxuosas e palácios eram bem educados, castos e de postura eclética, em contradição com aqueles que viviam nas sarjetas e às margens da sociedade eram devassos, vadios, incultos é uma acusação sem fundamentos; porque, o que expressaram é que o ser humano, em si, é uma espécie, independentemente de sua origem social, dada a excessos e todo tipo de vilania imaginável.

Por causa desta condição singular de expressão, em que os vícios, desatinos e virtudes não estavam mais distribuídos por classes e sim relacionados aos humanos e, enquanto uma obra descrevia todo o excesso através do comportamento de indivíduos da sarjeta e da marginalidade social, outra descrevia os mesmos excessos em mulheres [*adultas e jovens*] da elite aristocrática; o que faz com que classificassem o período como desorganizado. Cada autor fez uso de sua licença poética para satirizar e expor o ser humano enquanto espécie e, toda a educação que, supostamente, arrotava receber não se revelava suficiente para transformá-lo em algo melhor que seus congêneres.

Esta condição significa um paradoxo na literatura brasileira, em que de um lado, se pretende eliminá-lo do contexto histórico; porque expõe a fragilidade do poder hegemônico daquele período, em que tantas situações, muitas delas, sem quaisquer condições de explicações plausíveis ocorreram e, de outro lado, o poder que as obras e os autores do referido período ainda expressam, sendo tratados como referências e como leituras obrigatórias em diversos concursos públicos.

Percebe-se o desprezo por este período em especial quando se vai assistir aulas de literatura clássica brasileira e, ao se referir aos autores, primeiro se aborda toda a sorte de existência promíscua que são retratadas em seus romances, sem mencionar a dimensão lírica, poética e a descrição sociológica fiel das condições de vida da população carioca, ao lado

da família real portuguesa. Procura-se manter afastado da compreensão dos estudantes que tudo o que se produz de literatura, romance, poesia, expressão humana, demasiado humana, está bem do lado e contemporaneamente ao monarca e sua comitiva real e que, após a transição de regime governamental tudo o que se representava nas artes poéticas estava acontecendo ao lado do então presidente da República e seus burocratas.

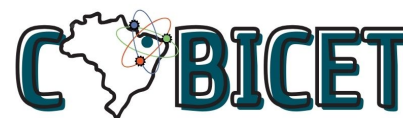
O período naturalista da literatura brasileira representa aquele intervalo que pode ser classificado como uma zona escura, em que o poder se entende como laico, com a religião não mais ditando a forma como o ser humano deveria ser representado nos textos literários. Isto representa uma condição difícil de analisar, porque o jogo político deste momento histórico é marcado por uma transição ideológica profunda, em que o regime monárquico vinha sendo transformado em uma burocracia republicana.

Isto ajuda a explicar porque os autores naturalistas não foram perseguidos junto com suas obras que, para os costumes da época, representavam um escândalo moral. Outro ponto é que todas elas sobreviveram sem recortes ou censuras, o que demonstra que o *poder* estava preocupado com acontecimentos em outra direção. O homem foi posto a nu e assim apresentado a todos, indistintamente, tornando este período literário em um evento *sui generis* da literatura universal.

O SER HUMANO REPRESENTADO EM SUA CONDIÇÃO PRIMITIVA NOS ROMANCES NATURALISTAS

Quando se faz referência a que o período naturalista da literatura brasileira representou o homem em sua forma mais primitiva, está-se esclarecendo que foi tratado em sua caracterização original, despidido de máscaras, sintetizado como uma figura humana, demasiado humana, em que a satisfação de seus desejos mais profundos foram apresentados como uma condição natural de ser, de viver e de existir.

Sempre que o homem foi colocado como uma criatura criada à imagem e semelhança de Deus houve motivos escusos para esta defesa e, se qualquer escritor ou poeta procurasse dizer o contrário suas obras seriam proibidas de sequer serem lidas e, na pior das sortes seriam queimadas junto com ele, em algum ato fê pública promovida por algum santo católico, como forma de defender a sacralidade humana. Para piorar e realçar tal coisa, como todas as escolas eram de caráter confessional e, assim se mantém, mesmo que se arroteiem laicas, desde crianças os seres humanos são condicionados a acreditarem nesta crença piegas e cretina, o que



somente ajuda a manter a propagação de monstros pela sociedade.

Os autores do período naturalista foram cirúrgicos na descrição do caráter humano, em que longe da imponência moral castradora ele se apresentava como aquilo que a natureza fez de mais preciso. Nietzsche (1844-1900), caso tivesse qualquer condição de analisar o ser humano apresentado em tais obras o compararia a um boi com chifres, o que equivale a um ser inteiro, em contraste com o ser humano emasculado que compunha os romances de outros períodos.

Em outros tempos, filósofos como Platão (428-347 a.n.e.) e Sócrates (470-399 a.n.e.) ousaram dizer que, o homem possuía um lado obscuro e que, em sonhos rompia com os limites da ética mais imperiosa e faziam coisas terríveis e abomináveis. Mas, isto acontecia somente em sonhos; quando despertos eram passíveis de respeito às condutas impostas pelas leis da Pólis; ou seja, mantinha-se a ideia de sacralidade do ser humano. Já os naturalistas brasileiros, ignorando toda a filosofia bolorenta platônica e socrática demonstraram que o ser humano não está nem aí para toda esta ideia artificial de sacralidade que lhe impuseram como uma marca maldita e que tudo isto não passa de um delírio esquizopático.

Esta descrição irascível acerca do aspecto intrínseco humano criou o estereótipo perfeito do indivíduo que viria a ser o objeto de estudo da Psicanálise, o ser que habita a sarjeta moral da sociedade e que luta para parecer idôneo e imaculado e que, afogado neste conflito provocado por um egodistônico; mas, o que vai criar o palco perfeito e que assombra os críticos puritanos é que, diferentemente do homem que a doutrina de Freud vai colocar no divã, assombrado e atormentado pela culpa trágica, o homem descrito pelos naturalistas vive a vida com toda a intensidade que seu sistema límbico lhe permite; ele não sente qualquer tipo de culpa por suas ações e nem mesmo arrependimento por seus excessos; tudo para ele é determinado por seu egossintônico.

Contemporaneamente, Fiódor Dostoiévsky (1821-1881) e Oscar Wilde (1854-1900), embora tenham criado romances com o mesmo aspecto naturalista; porém, marcado por sutis diferenças conceituais quanto ao que seus personagens sentiam após suas ações, os indivíduos apresentados pelos naturalistas eram a representação mais profunda e imaculada do homem, perverso, pervertido, vingativo, sujeito a qualquer ação a fim de salvar a sua suposta honra; sentido êxtase com a tortura alheia ao mesmo tempo em que é torturado por seus hormônios e desejos que mantinha oculto dos olhos alheios, sem que isto atrapalhasse a sua relação com seu eu.

O mais interessante a se analisar é que, diferentemente dos dois autores que, também, exploraram a essência humana; mas, ficaram restritos a si mesmos, aqui no Brasil foi todo um conjunto de escritores que exploraram a temática, criando vários personagens, de ambos os sexos, cada qual demonstrando um jeito peculiar de representar a natureza humana. Isto revela que não havia qualquer direcionamento moral no país; os indivíduos estavam entregues aos seus próprios instintos, apresentando-se *in naturis*.

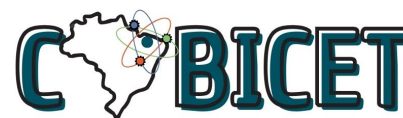
O período naturalista pode ser assim interpretado através de uma condição semântico-conceitual porque o ser humano estava a viver livre da culpa, do ressentimento por suas ações. O homem, entregue ao seu estado natural não sofre com a culpa; logo, não é atormentado por conflitos de natureza moral. Os autores deste período souberam captar esta aura de liberdade espiritual e a transformaram em romances clássicos e, se alguém pergunta o porquê de não haver surgido nenhum épico neste momento é exatamente porque a religião, a fé e o próprio sentido de divindade foi banido do pensamento humano.

Todo artista, por mais criativo que possa demonstrar ser, através de suas obras e personagens, o máximo que consegue é reproduzir a sua época, o seu tempo, o seu espaço, a sua sociedade, as ideologias que a sustenta. Jamais, qualquer poeta criativo seria capaz de criar uma atmosfera romântica em que não houvesse domínio do sagrado a emascular todos os humanos, transformando-os em figuras patéticas submissas às suas consciências dominadas pela culpa trágica. No período naturalista brasileiro este sentimento, simplesmente, deixou de existir e é isto o que faz os romances deste momento serem representações espontâneas do espírito humano livre.

CONCLUSÃO

O período naturalista da literatura brasileira é um momento especial e único em toda a literatura universal, para o qual não se encontra precedente e nem qualquer condição que o tenha repetido na história, apresentando-se como um acontecimento o qual não pode ser explicado de forma simplória e, ainda que se outros movimentos semelhantes possam ter ocorrido paralelamente a ele, as suas nuances permanecem excêntricas, porque provocadas por situações muito complexas, impulsionadas por situações de natureza sociológica.

Não se trata do que se tinha disponível no momento; trata-se muito mais acerca do que não se dispunha naquele espaço temporal. O homem que os autores naturalistas descrevem, longe de ser vadio, pervertido, perverso, marcado pela angústia, era um ser de força extrema, livre em todos os sentidos, até



mesmo para expressar os seus instintos e guiar-se por eles sem que isto provocasse conflitos de tal natureza que o conduzissem a um estado de culpa tal que resultasse em um processo neurótico.

De repente, os autores românticos descobriram um espécime que não sofria com a culpa, a começar que não fora castrado pela ética e a moral decadente imposta pelo cristianismo institucionalizado e, sem conflitos aparentes, o que se podia fazer era nada mais que descrever este indivíduo, ao invés de transferir para ele qualquer tipo de complexo conflituoso de natureza neurótica, porque os próprios poetas deste período também eram homens inteiros, não emasculados pela doutrina da fê.

O surgimento do Positivismo como doutrina que libertaria o homem e todos os processos epistemológicos e empíricos da emasculação auto imposta a todos [*sem distinção*] pela Igreja Católica na forma de uma culpa trágica para a qual não havia absolvição outra que não fosse a obediência cega aos seus princípios, os autores brasileiros do período naturalista foram os primeiros [*e os únicos na história*] que souberam explorar esta condição, transformando-a em romances que ultrapassaram todos os limites da arte literária.

A Psicanálise que viria a nascer mais de uma década depois do primeiro romance naturalista brasileiro demoraria muito tempo, ainda, para se aproximar de uma exploração tão densa e profunda acerca do espírito e do pensamento humano, sendo muito mais eficiente na explicação de seu comportamento do que no esclarecimento deste. Tudo isto faz do naturalismo romântico brasileiro um clássico por si só em que a sua compreensão demanda estudos singulares tomando como ponto de partida o sentido antropológico existencial do homem brasileiro daquele fim de século XIX, as nuances políticas que dominavam o contexto social e a liberdade de ser que o brasileiro experimentou e expressou e que, tão bem foi captado e representado nas obras do referido período.

Muitos estudos sobre este período da literatura brasileira há que ser levado a efeito; porque, por mais estranho que se possa demonstrar ser, os autores não foram influenciados, de maneira direta, por nenhum autor europeu [*fosse da Europa Ocidental ou Oriental*] e nem pela filosofia alemã daquele próprio século ou por mudanças drásticas na percepção do homem como parte do reino animal.

Alegar, ainda, que a Psicanálise de Freud influenciou o movimento é outra ideia sem fundamentos sólidos, porque o naturalismo antecede ao seu surgimento e, tem-se o longo período que o Mestre de Viena passou no ostracismo, sem contar que o homem que ele vai descrever em suas obras científicas é um indivíduo consumido por uma culpa que não existe provocada

por um crime que não cometeu; ou seja, é alguém condenado ao sofrimento, à negação de sua liberdade e se a experimenta, toma-se de um estado existencial patético, do qual não pode fugir sem sentir-se culpado por não sentir culpa.

De forma contrária, o homem descrito pelos naturalistas é alguém que vive a sua vida de forma livre e desimpedida; não sente culpa por sua liberdade e nem por satisfazer os seus desejos mais profundos e naturais [*o que vão tentar desmoralizá-lo, no futuro, classificando-os como instintivos; portanto, imorais*]. Este é o período em que o homem é descrito como homem; humano, demasiado humano.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, imensamente, aos professores e demais profissionais que contribuíram, de maneira direta e indireta, para que este trabalho fosse produzido.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2020.
- MIKULINSKIY, S. P. **Ciencia, Historia de la Ciencia, Cienciología**. *Recopilación de artículos*. La Habana: Editorial Academia, 1985.
- SPINOZA, Baruch. **Tratado político-teológico**. São Paulo. Escala, 2006.
- WHITTEMORE, R.; NAFL, K. **The integrative review: updated methodology**. Portland: *Leading Global Nursing Research*, 2005.